

**COOPERAÇÃO E CONTROLE NAS DINÂMICAS DE
AUTO-ORGANIZAÇÃO EM PLATAFORMAS COLABORATIVAS**

**COOPERACIÓN Y CONTROL EN LAS DINÁMICAS DE
AUTO-ORGANIZACIÓN EN PLATAFORMAS COLABORATIVAS**

**COOPERATION AND CONTROL IN DYNAMICS OF SELF-
ORGANIZATION IN COLLABORATIVE PLATFORMS**

Beatriz Cintra MARTINS

Doutora em Ciências da Comunicação. Pesquisadora dos grupos de pesquisa Novas Tecnologias, Cultura e Práticas Interativas e Inovação em Saúde (FIOCRUZ), e Economias Colaborativas e Produção P2P no Brasil (IBICT/UFRJ), ligado à P2P Foundation
Email: bia.martins@gmail.com

RESUMO

As plataformas colaborativas auto-organizadas têm demonstrado qualidade e vitalidade. Com dinâmicas produtivas geridas de forma distribuída pelo coletivo de participantes, esses projetos têm sido espaço de experimentação de tecnologias de cooperação, isto é, de instrumentos criados a fim de viabilizar sua sustentabilidade. Neste artigo, abordamos alguns aspectos dessas tecnologias, especialmente os mecanismos de controle participativo empregados para assegurar a evolução positiva da produção colaborativa. Num primeiro momento, apresentamos a visão de Michel Foucault sobre o poder como positividade para, em seguida, explorar a configuração do controle na atualidade. Abordamos, então, o papel do monitoramento nas estratégias de cooperação em rede, sob inspiração dos estudos de Elinor Ostrom. Por último, apresentamos o caso do website Slashdot, como exemplo de articulação entre esses dois vetores.

Palavras-Chave

Cooperação. Controle. Auto-Organização. Plataformas Colaborativas. Slashdot

RESUMEN

Las plataformas colaborativas auto-organizadas han demostrado calidad y vitalidad. Con dinámicas productivas gestionadas de manera repartida entre los participantes, esos proyectos han sido espacios para experimentar tecnologías de cooperación, o sea, instrumentos creados para viabilizar su sostenibilidad. En este artículo, abordamos algunos aspectos de esas tecnologías, especialmente los mecanismos de control participativo de los empleados para garantizar la evolución positiva de la producción colaborativa. En un primer momento, presentamos la visión de Michel Foucault sobre la positividad del poder, para enseguida explorar la configuración del control en la actualidad. Abordamos luego el papel del monitoreo en las estrategias de cooperación en red, inspirándonos en los estudios de Elinor Ostrom. Por último, presentamos el caso del sitio web Slashdot como ejemplo de articulación entre esos dos vectores.

Palabras-Clave

Cooperación. Control. Auto-Organización. Plataformas Colaborativas. Slashdot.

ABSTRACT

Self-organized collaborative platforms have demonstrated quality and vitality. With productive dynamics managed in distributed fashion by the participants' collective, these projects have become spaces for experimenting with cooperative technologies, i.e., instruments created to make their sustainability viable. In this article, we address some aspects of these technologies, especially mechanisms for participatory control, employed to ensure the positive development of collaborative production. Initially, we present Michel Foucault's views on power as a positivity. Later, we explore the control configuration in contemporary times. Then, we tackle the role of monitoring in strategies of cooperation in networks, inspired by Elinor Ostrom's studies. Finally, we present the case of the Slashdot website, as an example of articulation between those two vectors.

Keywords

Cooperation; Control; Self-Organization; Collaborative Platforms; Slashdot.

INTRODUÇÃO

As redes de comunicação têm transformado as formas de produção de conteúdo ao incentivar uma dinâmica mais interativa, na qual a autoria se dá através da cooperação produtiva entre uma multidão de atores. Em plataformas colaborativas auto-organizadas não há uma coordenação central, o que por vezes pode levantar questões sobre sua validade ou credibilidade, já que não correspondem ao modelo hierarquizado de produção onde existe um centro gerencial especializado que chancela o produto final.

1- Endereço eletrônico em:
<<http://www.wikipedia.org>>.

No entanto, esses projetos colaborativos têm demonstrado qualidade e vitalidade. Na ainda breve história da internet, a Wikipédia¹ completou 13 anos de existência em janeiro de 2014, quando contava com cerca de 30 milhões de artigos em 287 versões idiomáticas, editados por mais de 130 mil colaboradores ativos. Outro exemplo de sucesso é o *website Slashdot*², um fórum de discussão da comunidade *hacker* que examinaremos em detalhe mais adiante, ativo desde 1997. Isso não acontece por acaso: esses projetos têm sido espaço de experimentação de tecnologias de cooperação, isto é, de instrumentos e mecanismos criados a fim de viabilizar sua sustentabilidade.

2- Endereço eletrônico em:
<<http://slashdot.org>>.

Neste artigo iremos abordar alguns aspectos da dinâmica de auto-organização existente nesses ambientes, especialmente no que diz respeito aos mecanismos de controle participativo, isto é, aos instrumentos de monitoramento mútuo empregados pela comunidade de colaboradores para assegurar a evolução positiva de seu trabalho em rede. Deste modo, propomos uma reflexão sobre as relações entre a cooperação e o controle que não seja de contradição: não mais o controle visto como um agente exterior que restringe ou limita a ação colaborativa, mas sim como um elemento que participa e viabiliza a sua própria realização.

Como ponto de partida, apresentamos a visão de Michel Foucault sobre o poder como positividade para, em seguida, explorarmos a configuração do controle na atualidade. Abordamos, então, o papel do controle nas estratégias de cooperação em rede, sob inspiração dos estudos de Elinor Ostrom. Por último, apresentamos o caso do *website Slashdot*, no qual podemos identificar a existência de um monitoramento distribuído como parte de seu modelo colaborativo de mediação da comunicação.

O PODER COMO POSITIVIDADE

Para iniciar esta reflexão, ressaltamos um ponto chave em nossa argumentação, qual seja, o entendimento do poder como positividade, como propõe Michel Foucault. Para este autor, o poder produz realidade, delimita o campo de ação e estabelece os rituais de verdade. O poder produz modos de ver e modos de ser, fabrica subjetividades. Mais do que reprimir a vida, o poder vai geri-la, para extrair dela o máximo de produtividade, com o mínimo de resistência. Como afirma o autor:

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 2004, p. 8)

Assim, Foucault busca compreender as dinâmicas e configurações de diagramas de poder em diferentes períodos históricos como tecnologias que se implantam e se consolidam na medida em que atendem a demandas políticas, econômicas e sociais, e comprovam sua utilidade. Em seus estudos, procurou identificar como, em determinados períodos históricos, certos mecanismos de poder tornaram-se economicamente lucrativos e politicamente úteis. (FOUCAULT, 1999, p.38)

É conhecida a análise foucaultiana sobre o dispositivo do Panóptico como o representante do diagrama de poder na Modernidade: uma construção em forma de anel com uma torre ao centro, do alto da qual um vigia pode ver a movimentação nas celas dispostas abaixo. Em cada cela, um detento é mantido sozinho e isolado do contato com outros detentos. Uma janela permite que se observe o movimento no seu interior, porém o detento não pode ver quem o vigia nem se assegurar de que está sendo efetivamente observado. O par ver-ser visto foi dissociado. Há aí uma economia do poder, pois ele se exerce o tempo todo através de uma vigilância potencial, não necessariamente efetivada. A figura do vigia, que vê e não é visto, é internalizada pelo preso, que passa a ter então o vigia dentro de si. Este é o efeito mais importante do Panóptico, que assegura o funcionamento automático do poder.

O modelo do Panóptico, criado como uma arquitetura prisional, deve ser compreendido, segundo Foucault, como um modelo generalizável de funcionamento do poder em outros espaços da vida cotidiana da Modernidade, como a fábrica, a escola, o exército, a família etc. Nele o olhar opera em uma vigilância constante tendo como critério a norma e como objetivo a docilização e a fixação dos corpos. Distribuídos em espaços esquadrihados, os corpos são objeto de observação contínua, seus comportamentos são analisados sem cessar para se verificar se seguem as regras do treinamento e se estão de acordo com a normalidade. Ao mesmo tempo, a norma funciona como um parâmetro interno de subjetivação, tendo a anormalidade como sua negatividade ética.

O Panóptico não representa apenas uma arquitetura ou um modelo de visibilidade, mas expressa a combinação entre os diferentes elementos que compõem uma estratégia de poder definida por Foucault como a da sociedade disciplinar. A vigilância ali exercida está associada a uma norma, quem vigia quer flagrar o desvio. Ao mesmo tempo, a norma é produzida através da escrita ininterrupta feita pela observação dos corpos e representa um saber construído pela disciplina. Cada processo tem um tempo de execução – a operação na linha de produção; o aproveitamento na sala de aula; os treinamentos no exército; o restabelecimento dos pacientes etc –, é preciso acompanhar seu desempenho e avaliá-lo à luz da norma.

Segundo Foucault, a disciplina despontou nos séculos XVII e XVIII como uma resposta à demanda de uma burguesia emergente que pedia uma mecânica de poder bastante diferenciada do modelo anterior que dominou durante a Idade Média, o da soberania, no qual o poder se exercia “muito mais sobre a terra e seus produtos do que sobre os corpos e seus atos” (FOUCAULT, 2004, p.188). Naquele momento, as exigências de um capitalismo nascedouro pediam tecnologias de poder para extrair tempo e trabalho dos corpos. Uma série de técnicas começava a surgir e perpassar toda a sociedade com o objetivo de gerir e ordenar as multiplicidades advindas da grande explosão demográfica. Era preciso regulamentar e deter os movimentos, fixar os corpos num processo de antinomadismo.

DA DISCIPLINA AO CONTROLE

Para Deleuze (1992) o fim da Segunda Guerra Mundial marca a passagem para um novo diagrama de poder, o da sociedade de controle, no qual o monitoramento se dá por modulação: um controle contínuo, ilimitado e infinito. Os meios de confinamento – a prisão, o hospital, a fábrica, a escola, a família – entram em crise. O espaço do controle é aberto, não mais confinado, e a formação não termina nunca, está sempre se dando de forma modular.

O declínio da sociedade disciplinar coincide com a mutação do capitalismo. As mudanças na economia e na sociedade foram acompanhadas por mudanças nas estratégias de poder, que não se fundamentam mais nos fatores de ordem e obediência. Hoje a empresa tomou o lugar da fábrica. Sua meta não é mais tanto a produção, mas o consumo. Não tanto a ordem, mas a eficácia. Os corpos dos trabalhadores não precisam mais ser vigiados em seus menores movimentos, mas seu desempenho global será avaliado e comparado com os demais, servindo de parâmetro para uma modulação salarial. Não mais o padrão da linha de produção, mas a competição entre os colegas – a cada um será dado um salário de acordo com seu rendimento. Não mais a fábrica como um só corpo, mas a empresa como “uma alma, um gás” (DELEUZE, 1992, p.221).

A cada diagrama de poder, Deleuze (1992) relaciona um tipo de máquina. Na soberania são máquinas simples, operadas por mecânicas de alavancas e roldanas. Na disciplina o domínio é das máquinas energéticas, caracterizadas pela linha de montagem da fábrica. Já no controle, as máquinas são os computadores. Os bancos de dados, nesse sentido, compõem-se como os operadores por excelência da modulação do controle.

O olhar do Panóptico está sendo substituído pela monitoração das câmeras e dos agentes eletrônicos. A vigilância hierarquizada deixa de ser dominante, e a movimentação passa a ser monitorada e controlada por modulação. A visibilidade não parte mais de um ponto central e nem é efetuada hierarquicamente, mas varre todo o campo social monitorando os movimentos e registrando-os em bancos de dados.

3- O termo vigilância é empregado por vários autores (BRUNO, 2004, 2013; LYON, 2002; MARX, 2002; POSTER, 1995; ROSE, 2000) para falar da estratégia de poder contemporânea. Neste trabalho, no entanto, vai se optar pelo uso do termo monitoramento a fim de se demarcar a diferença entre dois diagramas de poder distintos: o da disciplina e o do controle.

Para pensar o significado do monitoramento³ contemporâneo, operado através de bancos de dados, será necessário investigar as descontinuidades que perpassam o dispositivo, tendo sempre em vista que a história não se faz por movimentos de corte, mas de passagens nas quais padrões mais antigos vão se tornando ultrapassados e novos padrões vão emergindo. O panoptismo tinha sua maior eficiência na interiorização do vigia. O homem moderno se interrogava sobre a natureza de seus pensamentos e seus desejos, e moldava sua subjetividade tendo como critério a norma. O perverso, o louco e o delinquente representavam a anormalidade, o monstruoso a ser evitado.

Na sociedade atual, o monitoramento contemporâneo tem como propósito não mais a ortopedia da alma, mas uma modulação da ação dos indivíduos que serve para antecipar comportamentos, especialmente para promover o consumo e evitar o risco. Os perfis são preditivos, isto é, baseados em uma lógica de previsão do futuro: de acordo com a análise das ações do passado de um sujeito se quer antever a sua ação futura. Os perfis eletrônicos conseguem prever riscos, ao cruzar dados de acordo com critérios técnicos de peritos e identificar criminosos potenciais, ou prever possibilidades de consumo, através de agentes inteligentes que definem potenciais de compra. A subjetividade, nesse sentido, passa a se caracterizar por uma exterioridade feita de registros superficiais que não se interessam mais por uma interioridade oculta do sujeito, mas pela modulação de suas ações e comportamentos (BRUNO, 2004).

Se a norma não é mais norteadora da subjetividade, a escrita ininterrupta do exame dá lugar ao registro modulado dos perfis eletrônicos. No lugar da observação e do registro contínuos dos movimentos e dos desvios de um indivíduo, o monitoramento dos comportamentos através do registro das ações. A nova monitoração na sociedade contemporânea é, na análise de Marx (2002), pouco visível ou invisível, geralmente involuntária e contínua, integrada à atividade de rotina. A coleta de dados é feita preferencialmente por máquinas, é remota e pouco dispendiosa. O foco do monitoramento, por outro lado, é voltado mais para o contexto (geográfico, temporal, de sistemas ou categorias de pessoas) e menos para o sujeito já previamente conhecido.

A disciplina produzia o indivíduo, com sua assinatura, e a massa, na qual cada um existe como um número. Na sociedade de controle os indivíduos são divididos em bancos de dados. Não mais a palavra de ordem, mas a cifra e a senha. Diferentes perfis são construídos atendendo a diferentes módulos da identidade. Eles acompanham o deslocamento e a fragmentação do sujeito contemporâneo, que não tem mais compromisso com uma linha de coerência, existente na Modernidade. As identidades tornaram-se provisórias, mutáveis, instáveis, por vezes até contraditórias. Ocupam diversos espaços da vida ou se revezam em diferentes momentos, de acordo com a ocasião, deslocando continuamente as identificações (HALL, 2002). Um perfil no cartão de crédito; um outro no plano de saúde; ainda outro no currículo escolar; mais um na receita federal etc. Cada um dando conta de uma face da vida, controlando movimentos e tendências, modulando a ação.

Poster (1995) analisa os perfis computacionais como o discurso da atualidade, produtor da subjetividade contemporânea. Na disciplina, o exame fazia o levantamento minucioso das características e do comportamento de cada sujeito de acordo com padrões de normalida-

de. No controle, informações diversas sobre ação dos sujeitos se inscrevem como símbolos em campos de bancos de dados, operando como um superpanóptico capaz de rastrear as movimentações de forma ainda mais capilarizada. A subjetividade interiorizada produzida pelo Panóptico, argumenta o autor, é substituída por uma objetivação exteriorizada feita por identidades dispersas das quais os indivíduos podem nem ter consciência. O princípio formador do indivíduo moderno, como uma subjetividade interiorizada e centrada, é violado.

4- Tradução nossa: "[...] the discourse of the database is a cultural force which operates in a mechanism of subject constitution that refuses the hegemonic principle of the subject as centered, rational and autonomous. For now, through the database alone, the subject has been multiplied and decentered, capable of being acted upon by computers at many social locations without the least awareness by the individual concerned yet just as surely as if the individual were present somehow inside the computer".

[...] o discurso do banco de dados é uma força cultural que opera em um mecanismo de constituição do sujeito que rejeita o princípio hegemônico do sujeito centrado, racional e autônomo. Agora, através do banco de dados, o sujeito foi multiplicado e descentrado, capaz de ser agido através dos computadores em vários espaços sociais sem a menor consciência do indivíduo em questão, como se o indivíduo estivesse de algum modo dentro do computador. (POSTER, 1995, p.88)⁴

A noção de superpanóptico, no entanto, pode induzir à ideia de um rastreamento totalizante, como o *Big Brother* descrito por George Orwell. Rose (2000) se opõe a este pensamento. Para ele, se o controle é constante e ubíquo, também é disperso e descentralizado. Não há um banco de dados central que armazene todas as informações. Os dados estão distribuídos em diversos pontos e atendem a diferentes interesses, especialmente os relativos à segurança e ao mercado – perfis de risco e de consumo.

As estratégias do controle, para Rose, devem ser entendidas como uma barreira, modular, para o acesso aos circuitos de consumo e cidadania. Os dados do cartão de crédito, do banco, do seguro saúde e do passaporte vão dizer se o sujeito está qualificado ou não para diferentes patamares de consumo e de cidadania. Se pode ou não frequentar determinados espaços; se pode ou não atravessar determinadas fronteiras. A monitoração infinita do controle seria uma forma de monitorar capacidades ou potencialidades para participar de diferentes redes de sociabilidade, funcionando como um mecanismo de inclusão e exclusão.

Bauman (1999a) também vê o banco de dados como um modulador de acessos:

A principal função do Panóptico era garantir que ninguém pudessem escapar do espaço estreitamente vigiado; a principal função do banco de dados é garantir que nenhum intruso entre aí sob falsas alegações e sem credenciais adequadas. [...] Ao contrário do Panóptico, o banco de dados é um veículo de mobilidade, não grilhões a imobilizar as pessoas. (BAUMAN, 1999a, p.59, grifos do autor)

O conceito de risco está ligado ao controle do futuro: poder calculá-lo, discipliná-lo e evitar que traga danos. O presente, naquilo que é conhecido, seguro e já dominado, deve ser preservado e estendido. O perfil de risco, por sua vez, será montado não apenas pelas ações desviantes conhecidas do indivíduo, mas por características definidas por especialistas como fatores de risco (CASTEL, 1991). Por isso, o monitoramento exercido pelo Estado se preocupará em detectar e antever padrões de desvio, como forma de evitar um futuro

ataque à segurança (combate ao crime e ao terrorismo). Se todos são potencialmente perigosos, o rastreamento deverá ser constante e ubíquo para que o controle do futuro, nesse sentido, tenha a máxima eficácia.

A outra faceta do monitoramento da atualidade é a construção de perfis que definam potenciais de consumo. Se norma disciplinadora formava produtores e soldados, o capitalismo pós-industrial quer consumidores. O modo de inclusão na sociedade ocidental contemporânea é, primeiro e acima de tudo, através da capacidade de cada um de desempenhar o papel de consumidor (BAUMAN, 1999b, p.85-90).

No entanto, esse rastreamento não deve ser pensado por um viés meramente negativo. Lyon (2002) argumenta que o monitoramento é uma resposta da sociedade contemporânea ao desaparecimento do corpo nas relações sociais, cada vez mais mediadas pelas tecnologias de comunicação. A interação pessoal, face a face, ainda existe, mas novas interações estão sendo estabelecidas, de forma desterritorializada e assíncrona. Nelas, signos de confiança, como o contato olho no olho e o aperto de mão, precisam ser substituídos por outros signos que façam a mediação de confiabilidade.

Nesse sentido, para esse autor, o monitoramento é um instrumento de organização social que não deve ser visto como unilateral, nem oposto à privacidade. Os dados coletados, relativos à segurança ou ao consumo, envolvem o gerenciamento do risco na vida social. Em muitos casos participa-se ativamente do monitoramento, fornecendo espontaneamente dados pessoais em troca de algum benefício, seja o aumento da segurança pública ou vantagens comerciais.

5- Tradução nossa: "Although the word surveillance often has connotations of threat, it involves inherently ambiguous processes that should not be considered in a merely negative light. Much everyday convenience, efficiency and security depends upon surveillance".

Apesar de a palavra vigilância ter frequentemente uma conotação de ameaça, ele envolve inerentemente processos ambíguos que não devem ser considerados meramente sob um enfoque negativo. Muita da conveniência, eficiência e segurança do dia-a-dia depende da vigilância. (LYON, 2002, p. 242-243)⁵

Se no período moderno a visibilidade era uma armadilha, já que representava a vigilância e a moldagem de uma subjetividade culpabilizada, hoje a visibilidade proporcionada pelos perfis eletrônicos tem dois lados: por um lado pode representar uma barreira, ao identificar e impedir o acesso a determinados circuitos; por outro pode representar oportunidade de inclusão. Ao consentir em ser monitorado, o cidadão pode abrir portas para um futuro desejável. Campbell e Carson (2002), afirmam que os consumidores estão dando outro sentido à sua privacidade, entendida agora não mais como um direito civil, mas como uma *commodity* a ser negociada com as corporações. Eles seriam agentes de uma espécie de monitoramento participativo, embora nunca tenham plena ciência de como seus dados serão armazenados e processados.

6- Endereço eletrônico em: <<http://www.amazon.com>>.

A livraria eletrônica *Amazon*⁶ é um exemplo do que Campbell e Carson veem como um monitoramento na forma de uma negociação entre o consumidor e o comércio. Para poder usufruir das vantagens de ter uma página pessoal com indicações de compra de acordo com o seu perfil, o consumidor fornece em contrapartida seus dados, como uma *commodity*, e concorda em ter sua movimentação no *site* monitorada para que depois

7- Endereço eletrônico em:
<<http://www.oglobo.com.br>>.

8- Cookies, flash cookies e web beacons são diferentes tecnologias de rastreamento de dados durante a navegação pela Internet. Os cookies são armazenados no navegador web, podem rastrear a navegação do usuário por diferentes sites e são mais fáceis de bloquear. Os web beacons ficam alojados em uma página web e permitem o acompanhamento da navegação nesta página. Já os flash cookies se infiltram no computador do usuário e permitem rastrear toda a navegação. Os dois últimos são mais difíceis de detectar e bloquear.

possa receber recomendações com base nessa movimentação. Muitas publicações on-line, como o site do jornal O Globo⁷ por exemplo, pedem que o leitor preencha um formulário com seus dados pessoais para poder ter acesso ao texto das matérias na íntegra. Os dados fornecidos voluntariamente no início serão acrescidos de outras informações sobre gostos e preferências – editoria mais lida; dentro da editoria, que assuntos; em cultura, que artistas procurados etc. – coletadas através de sua navegação no site.

Em pesquisa realizada em 2010, foram identificados 362 rastreadores de dados de usuários (*cookies*, *flash cookies* e *web beacons*⁸) nos sites brasileiros Terra, UOL, Yahoo, Globo.com, além de 295 rastreadores nas redes sociais *Orkut* e *Facebook* (BRUNO, 2013, p. 125). Os dados coletados compõem perfis que podem ser usados para gerar propagandas direcionadas, ser cruzados com outros perfis gerando informações sobre tendências de comportamento ou consumo, como também poderão ser negociados com outras empresas para diversos fins como: segurança; desenvolvimentos de produtos e serviços; gestão do trabalho; entretenimento; saúde etc.

O CONTROLE NAS TECNOLOGIAS DE COOPERAÇÃO

Ao lado dos perfis de consumo e de risco efetuados por empresas e agências governamentais, iremos enfatizar neste artigo a existência de perfis resultantes de monitoramento entre parceiros na rede. São perfis em banco de dados que têm também como característica serem preditivos/preventivos, e operam na lógica da sociedade de controle: não mais uma moldagem dos corpos e das almas, mas uma monitoração dos movimentos e uma modulação de acessos permitidos e restritos. Seu propósito, nesse caso, é funcionar como uma tecnologia de cooperação, ou seja, como um instrumento para a evolução da cooperação nas interações mediadas por computador.

Em comunidades virtuais a lógica do monitoramento está relacionada à garantia da qualidade da comunicação, tida como um bem comum entre os participantes. O trabalho de Ostrom (1990) sobre as características de comunidades cooperativas bem-sucedidas é uma referência para se pensar a administração positiva desses ambientes. Esta autora se dedicou à pesquisa da ação coletiva na gestão de recursos comuns, com ênfase nas estratégias de auto-organização. Em seu estudo, aborda casos de governança de bens comuns em comunidades cooperativas como, por exemplo, o manejo da pastagem no Japão e na Suíça e os sistemas de irrigação em comunidades das Filipinas, a fim de identificar práticas e critérios que favoreceram sua sustentabilidade. Em sua visão, o sucesso na auto-gestão dessas comunidades depende, entre outros princípios, de: limites claramente definidos da comunidade envolvida; monitoramento do comportamento dos participantes; escala de sanções graduais para quem viole as regras comunitárias etc.

Ostrom ressalta, portanto, o papel do controle nas estratégias para a sustentabilidade de comunidades cooperativas auto-organizadas. Também em plataformas colaborativas

bem-sucedidas no meio digital, é possível observar diferentes tipos de monitoramento, que podem ser mais ou menos distribuídos, como forma de garantir sua sobrevivência. Apresentamos a seguir o caso do *website Slashdot* como um exemplo de utilização de instrumentos de controle participativo como fator de estímulo ao comportamento cooperativo. Antes de analisar o seu funcionamento, será feita uma pequena apresentação de seu histórico.

O CASO SLASHDOT

O *Slashdot* foi criado em 1997 por Rob Malda, então um estudante de Ciências da Computação no *Hope College*, Michigan, Holanda, como um espaço de troca de informações entre ele e seus colegas. No início, o próprio Malda, com a ajuda de alguns amigos, se encarregava de moderar os debates, incentivando a troca de ideias e minimizando os ruídos causados por aqueles que estavam mais interessados em tumultuar as discussões, com comentários ofensivos, provocativos ou totalmente fora do assunto.

Quando o número de participantes aumentou, Malda decidiu criar um grupo de 25 pessoas para dar conta da moderação. Em pouco tempo, essa decisão se mostrou também ineficaz. O volume de trabalho era muito grande, já com centenas de comentários diários, para uma equipe ainda reduzida. Partiu-se então para a seleção de 400 moderadores entre aqueles que postavam os melhores comentários nas discussões. Aí surgiu outro problema: o comportamento abusivo de muitos moderadores que faziam avaliações injustas ou tendenciosas. Era preciso criar uma maneira de impedir o “reino do terror” dos moderadores e que ao mesmo tempo fosse ágil suficiente para garantir uma qualificação à leitura do conteúdo. A solução encontrada foi desenvolver um sistema de moderação coletiva.

O *Slashdot* funciona como um fórum de discussão sobre assuntos ligados à área de tecnologia e temas afins, especialmente informações sobre a produção de programas de *Software Livre* e *Código Aberto*. Diariamente são postados cerca de 20 tópicos, que consistem em um resumo de um parágrafo de um assunto com *links* para um *site* externo, no qual a história foi originalmente publicada. Qualquer pessoa pode sugerir tópicos, mas a seleção do que será publicado é feita por uma equipe de editores. Cada um dos tópicos publicados será tema de um fórum de discussão e passará a receber comentários dos participantes. Aos comentários somam-se réplicas e tréplicas, resultando em uma das interfaces mais dinâmicas e interativas encontradas na Internet.

Suas manchetes, de modo geral, reproduzem o que é notícia na área de tecnologia, com *links* para outros *sites*, e muitas vezes pautam outras publicações especializadas. Não à toa, seu slogan é “*News for Nerds. Stuff that Matters*” – algo como “Notícias para *Nerds*⁹. Aquilo que Importa”. Como tem entre seus participantes profissionais muito experientes, as notícias recebem comentários altamente qualificados, o que faz do site um lugar de referência na área.

O estranho nome do *site* nasceu de uma brincadeira de Malda, que queria tornar o endereço impronunciável em inglês. *Slashdot* corresponde ao símbolo [/], barra invertida

9- Não há uma palavra em português que signifique *nerd*. O Dicionário Aulete define assim o termo: “que é pouco sociável; que só quer saber de estudar ou trabalhar”. Informação disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/nerd>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

e ponto, muito usado em programação. Desenvolvido por *hackers* e voltado para um público também *hacker*, o sucesso do *site* provavelmente está relacionado com a cultura que o rodeia. Malda acredita que seu modelo funciona tão bem provavelmente porque seus leitores são pessoas acostumadas a trocar centenas de *e-mails* por dia e a usar a Internet para discutir, compartilhar e produzir coisas.

SEU MODELO DE MODERAÇÃO DISTRIBUÍDA

10- As informações sobre o modelo de comunicação do Slashdot estão disponíveis em: <<http://slashdot.org/faq>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

11- Na avaliação dos comentários pelos moderadores é feita a atribuição de termos qualificativos para cada um deles, como por exemplo: provocativo; redundante; interessante; informativo etc. Pelo espaço limitado e por não ser relevante para nossa análise, esse aspecto não será abordado neste artigo.

O modelo de comunicação do *site* *Slashdot*¹⁰, tal como existe hoje, foi criado para administrar as discussões, inibindo as ações de provocadores e destacando os comentários relevantes. Existe um sistema randômico de moderação coletiva, para indexar os comentários de acordo com sua relevância num ranking que vai de -1 a +5, possibilitando vários níveis de leitura. No nível -1, a mais caótica, com todos os textos postados. No nível +5, a mais seletiva, só com as mensagens mais relevantes, segundo a avaliação dos moderadores¹¹. A interface do *site* permite ao visitante escolher em qual dos níveis quer acompanhar a discussão, gerando dessa forma uma economia no excesso de informações disponíveis.

Para dar conta da tarefa de indexação dos comentários, o sistema do *site* escolhe randomicamente 400 moderadores de cada vez entre os participantes registrados, de acordo com a participação, assiduidade, tempo como usuário registrado e qualidade das contribuições de cada um. Eles têm a função de pontuar os comentários, mas sua tarefa dura no máximo três dias ou até acabarem os cinco pontos que têm para distribuir. O sistema se encarrega de substituí-los automaticamente e a rotatividade é usada para dividir a responsabilidade entre um número maior de pessoas.

Os moderadores também são monitorados pelos que estão entre os 92,5% mais antigos frequentadores do fórum, no que é chamado de meta-moderação. Esta é uma maneira de impedir que existam abusos de poder por parte dos moderadores. Os meta-moderadores avaliam 10 moderações de cada vez, classificando-as como justas ou injustas. Os editores do *site* também podem atuar como moderadores e têm pontos ilimitados para isso.

Completando o modelo de mediação da comunicação do *site*, um sistema de pontuação, chamado *karma*, monitora o comportamento de cada um, podendo variar entre Terrível; Ruim; Neutro; Positivo; Bom e Excelente. Seus critérios de avaliação incluem: a qualidade dos comentários postados; a frequência com que se visita o *site*; a participação com contribuições de notícias a serem discutidas; o número de vezes em que participa da moderação e da meta-moderação. E num efeito recursivo: a qualidade das moderações e meta-moderações que faz, e a avaliação que recebe dos parceiros na moderação e na meta-moderação. A soma de todos os itens resultará no *karma*. Seu objetivo é impedir que aqueles que só querem atrapalhar a conversa influenciem na moderação dos comentários – quem tem *karma* negativo não pode participar das tarefas de moderação e meta-

moderação –, o que representaria a falência de todo modelo de comunicação.

De acordo com informações contidas no *site*, o *karma* é um índice dinâmico que pode flutuar: um *karma* Excelente pode se transformar em Terrível, e vice-versa, dependendo do comportamento do participante. No entanto, não é tão simples conseguir reconquistar um índice positivo depois de ter chegado ao nível mais inferior, pois há o risco de se ficar preso a um círculo vicioso. Isto porque quem tem um *karma* negativo não pode participar das tarefas de moderação e meta-moderação, e não pode, portanto, incrementar sua pontuação pela realização dessas tarefas.

É importante ressaltar que existem pesquisas que demonstram que, apesar de operarem em uma rede aberta e distribuída sem um controle central, o modelo do *Slashdot* apresenta uma tendência ao consenso (LAMPE; RESNICK, 2004) e ao fechamento de opinião (JOHNSON, 2002). Como se, por fazerem parte de uma comunidade que compartilha valores em comum, no caso os *hackers*, o público participante tendesse a cair em um pensamento de grupo, excluindo aqueles que têm ideias divergentes, mesmo que estas sejam bem fundamentadas e até mesmo relevantes para o debate. Não cabe aqui analisar em mais profundidade como se observa essa restrição, mas apenas pontuar a sua existência a fim de que se tenha uma ideia mais precisa das potencialidades e limitações desse projeto.

De todo modo, vale ressaltar que o modelo de ranqueamento dos comentários criado pelo *Slashdot* serviu de inspiração para muitos outros projetos on-line, transformando-se mesmo em uma referência na qualificação das interações em rede. Há muitos exemplos dessa influência, como o *website* brasileiro Overmundo¹², dedicado à cultura brasileira e produzido pelo próprio público, que se inspirou nesse modelo para criar seu sistema de avaliação coletiva das matérias.

PERFIS COLABORATIVOS

Na análise dos sistemas de moderação e meta-moderação do *Slashdot*, o que se quer ressaltar é a constituição de um sistema de controle distribuído, que funciona como um instrumento de modulação do comportamento de cada participante da comunidade. Seguindo a linha proposta por Lyon (2002), de que o monitoramento não é necessariamente negativo, e tendo como base a afirmação de Foucault (1999), de que o poder produz positivities e tem uma utilidade social, pode-se pensar que existam diferentes tipos de rastreamentos, relacionados a diferentes contextos e subjetividades. No caso do *Slashdot*, observamos a operação de um monitoramento colaborativo que ocorre em um patamar de igualdade, isto é, mutuamente, tendo em vista a preservação do bem comum, representado ali pela comunicação qualificada.

Existe ainda outro aspecto que merece ser analisado. Conforme visto em relação aos perfis de consumo e risco, as informações armazenadas em perfis de banco de dados têm a função de modular acessos de consumo e cidadania. No caso do *Slashdot*, o perfil de *karma* tem também a utilidade de modular as fronteiras da comunidade. Por um lado, é

12- Endereço eletrônico em: <<http://www.overmundo.com.br>>.

observada a tendência à exclusão daqueles que não se comportam da forma esperada ou não seguem as regras daquela comunidade. Por outro, há uma significativa tendência à homogeneidade, com pouco espaço para opiniões divergentes. Isto leva a pensar que o monitoramento mútuo, nesse caso, também opere como um modulador de inclusão e exclusão de integrantes aptos a participar das discussões, o que é coerente com os princípios, já citados, para a sustentabilidade de comunidades cooperativas, elencados por Ostrom (1990).

O *karma*, seguindo essa linha de raciocínio, pode ser visto como um perfil colaborativo. Suas funções preditiva e preventiva são evidentes: funciona como um banco de dados que, com base nas ações passadas dos participantes, distingue aqueles que estão aptos a participar das tarefas de moderação e meta-moderação. Desse modo, impede que aqueles que atuam de forma nociva nas discussões participem de sua qualificação. Paralelamente, atua como uma barreira modular que restringe acessos e define as exclusões, ajudando a definir os limites da comunidade. Assim, esse perfil colaborativo é um elemento basilar de uma sofisticada tecnologia de cooperação que viabiliza a sustentabilidade da comunicação em uma plataforma colaborativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ambientes colaborativos existentes no meio digital se apresentam como um objeto de estudo desafiador na medida em que não se encaixam nas tradicionais abordagens teóricas sobre os meios de comunicação. Com estruturas distribuídas em rede e dinâmicas produtivas auto-organizadas, pedem instrumentos de análise que possam dar conta de sua complexidade, evitando os extremos do estranhamento por sua diferença ou do deslumbramento por sua novidade, a fim de se aproximar do entendimento de suas características, potencialidades e limites.

Neste artigo, apresentamos uma contribuição à pesquisa sobre as plataformas colaborativas através da análise da articulação entre dois vetores aparentemente contraditórios: a cooperação e o controle. Propomos pensar o controle não necessariamente como um elemento externo que se exerce sobre indivíduos, mas como um elemento partícipe de uma interação, exercido não só com a aquiescência dos sujeitos envolvidos, mas também com seu próprio engajamento na tarefa de monitoramento. Dessa forma, o controle pode ser pensado como parte das tecnologias de cooperação e um instrumento necessário à sustentabilidade de comunidades virtuais colaborativas.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1999a.
_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Zahar, 1999b.

BRUNO, F. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 24, p. 110-124, julho de 2004.

_____. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CAMPBELL, J. E. ; CARLSON, M. Panopticon.com: online surveillance and the commodification of privacy. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, v. 46, n.4, p. 586-606, dezembro de 2002.

CASTEL, R. From dangerousness to risk. In: BURCHELL, G.; Gordon, C.; MILLER, P. (Eds.) **The Foucault effect: studies in governmentality**. Chicago: University of Chicago Press, 1991, p. 281-298.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JOHNSON, S. **Emergence: the connected lives of ants, brains, cities, and softwares**. New York: Touchstone, 2002.

LAMPE, C.; RESNICK, P. **Slash(dot) and burn: distributed moderation in a large online conversation space**, 2004. Disponível em: <<http://presnick.people.si.umich.edu/papers/chi04/LampeResnick.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

LYON, D. Everyday surveillance: personal data and social classifications. **Information, Communication & Society**, v. 5, n. 2, p. 242-257, 2002.

MARX, G. T. What's new about the "new surveillance"? Classifying for change and continuity. **Surveillance & Society**, n. 1, p. 9-29, setembro de 2002. Disponível em: <<http://www.surveillance-and-society.org/articles1/whatsnew.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

OSTROM, E. **Governing the commons: the evolution of institutions for collective action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

POSTER, M. **The second media age**. Cambridge: Polity Press, 1995.

ROSE, N. Government and control. In: **British Journal of Criminology**, Londres, v. 40, n.2, p. 321-339, 2000.